



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVIII — N.º 453 — Preço 1\$00
22 DE JULHO DE 1961

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CONHEIRO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

TRIBUNA DE COIMBRA

PROFESSORES

Quanta alegria devia inundar a alma do velho Simeão quando exclamou o cântico *Nunc dimittis, Domine* (Agora podeis levar-me, Senhor)! Como não havia de transparecer a consolação de Pai Américo se neste momento ainda estivesse corporalmente presente no meio de nós! Que hinos de beleza ele cantou com o pensamento dos futuros gaiatos professores nas nossas Casas! Quantos anos tenho eu



Carlos Alberto de Jesus



Carlos Manuel Trindade

esperado por este dia e ele chegou! O Carlos Manuel e o Carlos Alberto são professores.

Nunc, Domine... Agora, Senhor, dai-me a graça de ser forjador de mais e de melhor. Entrego-vos totalmente estes dois que chegaram tão bem ao fim e que foram sempre tão meus. Talvez mais do que meninos dos olhos, eles são pedaços da minha alma. Que façam das suas vidas, viduas sacerdotais de doação total ao vosso serviço.

Temo-nos perdido tão só! À vida da juventude cheia de generosidade, é tão volúvel! Necessitamos tanto nas nossas casas destes que nos possam servir de esteios! Esteios até pessoais, pois não nos podemos despejar da nossa parte sensível e humana. Necessitamos de confidentes.

Mas, mais do que para nós, necessitamos de esteios para a vida da comunidade. Nós padres temos sido tudo. E por vezes aquilo que mais devíamos ser é que menos teremos sido: padres-pais.

Os nossos professores vão agora completar-nos. Hão-de ser os nossos mais directos colaboradores. Eles saíram da massa, por isso melhor a podem penetrar e levar para o bem.

É com esta esperança que nós cantamos ao Senhor: obrigado porque no-los destes. Agora Vo-los entregamos.

Padre Horácio

Passou agora o V aniversário após a morte de Pai Américo. A Obra da Rua atingiu há já algum tempo a sua maioridade. E o seu lema — de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes —, embora muito lentamente, vai-se tornando, cada vez mais, uma realidade.

São já alguns de que, com seu lar constituído, se encontram à frente dos seus irmãos mais novos nas nossas casas, oficinas e outros encargos, colaborando assim directamente com os Padres Obreiros.

A partir de agora ficam as Ca-

sas do Gaiato a poder contar também com dois novos professores, fruto do seu grande amor à criança orfã, abandonada, ao «lixo» das nossas ruas.

É, sem dúvida, motivo de enorme alegria a ascensão, verificada em nós, de ontem para hoje. Porém, não menor é a responsabilidade, cujo passo é tanto maior quanto maior foi a evolução que se operou.

Nesta hora, em que vemos todo o passado com lucidez, mas em que o futuro se nos apresenta impenetrável pela sua enorme obscuridade, nesta hora, dizíamos,



BARREDO

CENTRO SOCIAL

Uma grande notícia trazemos hoje a todos os que se habituaram — em corpo e espírito, — a viver no espírito — a calcular as velas sombrias desse Barredo que Pai Américo desenterrou do olvido para resgate das nossas omissões. Um Barredo que não vale apenas pela realidade dolorosa que é, mas ficou e permanecerá como símbolo de todos os barredos, em que multidões entretêm a vida onde os próprios animais de abate mal teriam condições para vegetar!

E no entanto... «O Barredo é bonito. Com suas ruas tortuosas, seus cachorros de granito, varandas de ferro batido, seus largos, seus nichos e alminhas — o Barredo é bonito». E Pai Américo acrescentava um voto ao prefaciador das crónicas daquele «Lugar de Mártires, de Heróis, de Santos», reunidas em livro: «Quem sabe se, procedendo assim, possamos dar melhores vistas e oferecer outras notícias num segundo volume, — quem sabe? Um segundo volume de O Barredo, sim, mas outro Barredo, com casas e armazéns de negócio ribeirinho. Fontes. Pracetas. Mirantes. Jardins.

pedimos humildemente ao Senhor que no-lo ilumine e fortifique nossos espíritos, afim de sermos aquilo que Ele quer que sejamos.

Carlos Manuel Trindade

Triunfo sem louros é a nossa vitória.

Não nos é dado recebê-los. São d'Ele!

«Dignos de Ti não são meus irmãos hinos, mas são hinos de amor» por aqueles que nos fizeram por Vós. Sobre eles caíam as Vossas bênçãos e no fim a Vossa Glória.

Chegámos quando eles esperam por nós. Ajudai-nos, Senhor, como Pai Américo sonhou a nossa missão junto deles, a tornarmos mais leve a sua cruz e a dos nossos.

Faça-se tanto assim, quanto a nossa vontade está disponível para a Vossa.

Carlos Alberto de Jesus

Gente limpa e bem disposta. Segundo volume de um outro Barredo, onde se possa narrar com verdade o Porto não rejubilou quanto o Porto não rejubilou, com a demolição total daquela grande desgraça; daquela nossa desgraça!

Muitos passos têm sido da-

dos para ali, depois que Pai Américo levantou a voz. Vinte e tantos, leitores de O Gaiato centinellas, as nossas Senhoras, nós... Alguns passos têm sido duplicados enquanto outros ficam por dar. O coração tem dominado a inteligência

continua na quarta página

ÁFRICA

De Nova Lisboa a Luso são duas horas de avião. Por sinal das mais agitadas por poços de ar de quantas viagens temos feito! O Júlio nem sei como passou, que eu fechei muito os olhos e abri todo o jacto de ar sobre o rosto, para não haver desastre.

Mas é verdade que após a tempestade vem sempre a bonança — e que bem esta sabe, justamente pela recente experiência daquela!

Em Luso contamos de há muito numerosos amigos — dos fixos! É ali o centro da missão beneditina em Angola. Por isso à nossa espera encontramos braços abertos, cheios de amizade e algumas fábricas de Cerâmica. Tem belas condições para turismo, se bem que me pareça que esta indústria ainda não nasceu em terras de Angola. Vi muitos prédios novos e muitos outros a subir.

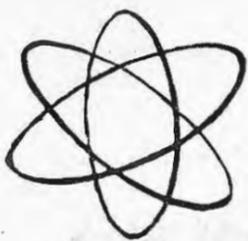
Apesar de pequena a cidade; apesar de ter sido a mais breve visita de quantas fizemos em Angola, — Luso excedeu tudo na recepção que nos prestou.

Estava ali o dedo apaixonado dos Monges Beneditinos. Padre Maia, então, multiplicou-se — e teve a alegria (Eu sei que a dele não foi menor que a nossa!), teve a consolação de encher o belo Cine-Luena de uma assembleia vibrante, da qual nos parece termos recebido mais entusiasmo do que aquele que lhe demos, embora a sua simpatia teimasse em que fôramos nós a pegar o fogo!

Luso não nos esquece mais. Quando voltarmos, desejaremos retribuir condignamente a simpatia que nos foi oferecida. E ela não foi de palavras, nem daquelas horas rápidas! Dizem muito eloquentemente as listas de novos assinantes que Padre Maia tem mandado, às quais Júlio fez referência na Campanha das Assinaturas.

Chegámos um pouco depois das treze horas. A tarde foi ocupada por rápidas visitas. A noite de encontro ao Teatro. Depois foi um pequenino serão de matar saudades com Frei Francisco. E um grande desejo de que o cansaço não viesse tão depressa.

Umhas horas para enganar o sono. Às sete da manhã seguinte tomávamos o mesmo avião, rumo a Silva Porto.



FACETAS DE UMA VIDA

Estamos em 1922. São antevésperas daquele dia sabido por Deus e por mais ninguém, em que Ele havia de desferir a «martelada» sobre a alma potencialmente rica do Américo. A verdade é que nesta data ele já se encontrava encaminhado. Aceita a definição do Amigo: «misanthropo e metido comigo mesmo».

Ora nem uma coisa nem outra, nunca ele fôra. Também não seria em misantropia que havia de decorrer a fase final, definitiva, da sua vida: a frutificação. Bem ao contrário até!

Donde me parece poder concluir-se que começara a crise da evolução, que viria a desfazer-se na decisão brusca, após longa, dolorosa gestação, quando ele desistiu de resistir ao impulso da «martelada» e foi atrás de Deus bater à porta do Convento Franciscano de Tuy.

Uma outra nota, de honestidade, cada vez mais rara neste nosso mundo em que os homens não hesitam em se atropelar por coisas menos importantes ainda

do que uma situação na vida! «Eu podia ficar na DOAL (...), mas para isso têm que mandar um empregado embora (...) e isto, para mim, é o mesmo que dizer que me vá embora».

E mais adiante: «É esta a minha actual situação. (...) Economias tenho pouco».

Não importa. O que houver de sofrer, sofrerá. Antes que ter que pôr um em terra para eu ficar no poleiro».

Este é o caminho que se desenha e por onde Deus o chamaria, até às últimas consequências. Ao longo dele o Américo reencontrará quotidianamente aos pés do Altar de Deus a «alegria da sua juventude» e rejeitará para sempre a definição ora aceite: «misanthropo e metido comigo mesmo».

★

Meu caro N.:

Se v/ pudesse imaginar como as suas cartas me fazem bem, concerteza não seria tão demorado em escrever. Esta é a resposta à sua de 3 do corrente.

Não compreendo como a gente se possa sentir mal e aborrecida no Funchal; ou será pela impressão agradável que eu colhi da Madeira, em duas estadias que aí tive a caminho de Lisboa. E no entanto, pelo que v/ diz, não é bem assim como eu julgo, porque até a D. J. se vê na necessidade de fugir para o monte, a procurar distracção e companhia.

E agora vou falar um pouco de mim. O meu estado de espírito é aquele que v/ muito bem conhece e tão bem me conhece que é justamente da forma que eu vivo actualmente, aquela que você apresenta na sua carta, «misanthropo e metido comigo mesmo». Assim é, meu caro N.. Não tenho gosto por nada e não me apetece ir a parte nenhuma nem conviver com quem quer que seja. Tenho cá o Alvaro, a casa de quem vou em regra aos sábados à noite, porque as Lomelinos vêm por lá fazer um pouco de música e isso agrada-me. Afóra isso nada mais.

Moro numa casa na alta, que diz para o mato, e eu gosto do cenário e do sossego. Como em regra me deito sempre às nove horas, acordo também cedo e abro as janelas do meu quarto de par em par. E é uma satisfação grande que eu sinto em ver o sol entrar pelas janelas dentro. Não calcula como eu me sinto bem ao receber em cheio os raios do sol e o ar fresco da manhã, e fico por momentos a pensar no grande bem que a natureza dispensa a todos, contando entre eles os filhos da desventura, distribuindo igualmente partes iguais dos grandes elementos de que dispõe, sol, ar, luz!

Maneiras de filosofar S.; a gente, no final de tudo, acaba por se conformar com as intempéries do tempo e da vida e a resignação de muitos anos habituados a receber as coisas dentro dos limites da normalidade.

E quer saber o que se passa acerca da minha vida material? Os negócios da Companhia Portuguesa do Ultramar passam por todo este ano para as mãos de Breyner & Wirth e a Agência da DOAL, conquanto ainda se não saiba definitivamente, passa para as mãos de gente de Hamburgo, que a abrem por conta própria como antes da Guerra. O que eu sei é que estou sem emprego daqui a dois meses.

Já tenho o meu plano feito. Ir-me embora e esperar junto da minha gente melhores dias. Eu podia ficar na DOAL porque o actual inspector alemão já me disse para eu ficar, mas para isso tem que mandar um empregado embora e admitir um caneco, isto para me poder dar o meu salário de £50 e isto para mim é o mesmo que dizer que me vá embora. Se ficássemos todos eu também ficava, mas ter que pôr um em terra para eu ficar no poleiro, é coisa com que não concordo. Por outro lado temos o A. que passo a não compreender. Ele bem sabia que, no dia em que me pediu para eu receber o primeiro barco alemão que aqui veio e ficar depois na CPU, que eu tinha um convite do

G/Lage e outro do Mendes. Eu desprezei-os e tomei o partido do A.. Agora, ele sabe de tudo que aqui se passa. O L. vai por estes dias mandar uma carta aos empregados a despedi-los. Faz-se uma excepção para um alemão que cá está a trabalhar com a casa Stueben; esse passa para B/W, mas eu estou incluído no número dos que recebem ordem de despejo. O A. bem sabe; talvez até fosse ele próprio que desse o nome ao L. dos que têm

que andar. Ora eu não quero ir dizer-lhe nada.

É esta a minha actual situação. Se tiver que me ir embora participo-lhe e se ficar da mesma forma o informarei. Economias tenho pouco. Tenho uns 20 contos, perto de 60.000 marcos e algumas centenas de libras: £300 em ouro e outras tantas em papel do BNU que se não sabe quanto valem.

Adeus, N.. Lembre-me aos seus.
Américo de Aguiar

★ BELEM ★

Muitas pessoas se admiram quando me vêm encontrar sôzinha com as belenitas.

Começam a perguntar-nos quem faz isto e mais aquilo e aqueloutro...

Já houve mesmo quem me pedisse para explicar como decorre em Belém um dia ordinário de trabalho. Pois aqui estou eu hoje disposta a satisfazer a curiosidade de todos, mas especialmente das donas de casa.

Como a casa é pequenina — verdadeiramente familiar — basta o toque dum despertador para que toda a gente salte da cama às 7 menos um quarto da manhã. O dormitório das mais pequeninas fica em sossego até às 7, porque só há um quarto de banho. As mais crescidas têm lavatórios nos quartos.

Cada uma faz a sua cama e depois, em grupos de duas, vão limpando o pó e arrumando dormitórios, quartos e corredores.

A Ermelinda e a Maria de Fátima vão para a cozinha preparar o pequeno almoço. E graças a Deus que já chegou o primeiro leite da Cáritas, porque, até agora, era preciso deixar a sopa feita do véspera, para não ser necessário levantarem-se mais cedo.

Entretanto, a Lourdes e a Marina pegam nas alcofas e vão buscar o pão à padaria, ainda distante.

Às oito menos um quarto o pequeno almoço está pronto, o pãozinho já chegou e toda a casa está arrumada.

Então as belenitas juntam-se na varanda envidraçada e, de joelhos diante do Crucifixo e duma imagem de N.ª Senhora, rezam as orações da manhã, pedindo as bênçãos do Céu para o dia que começa e lembrando a Deus as necessidades dos seus benfeitores.

Às 8 menos 5 já a Ermelinda mais duas ou três estão a distribuir pelas mesas o leite fumegante e apetitoso. Por volta das 8 horas todas se sentam às mesas e, após aquela hora de exercício, não há ninguém a quem falte o apetite.

Depois do almoço as da cozinha lavam a loiça e acendem o fogão, enquanto a Deolinda e a Conceição descascam batatas ou fazem outros trabalhos necessários à preparação do almoço.

A Lourdes e a Marina arrumam a sala de jantar. A Isabel, ajudada por outra limpa a sala de entrada.

Nos dias de comprar na praça, logo após o pequeno almoço, a Licas, a Fátima e a Fernanda, correm a encontrar-se com a Senhora Professora, que lá as espera, para as ajudar a fazer as compras.

Entretanto a Dina vai vigiando as mais pequeninas, que andam no recreio. Às 8 e meia dá o sinal de entrada e aquelas que não tem outras obrigações estudam ainda meia hora, até às nove, altura que todas se juntam na escola para começar a aula.

É a hora do render da guarda. As belenitas ficam ao cargo da sua Professora e Mãe Inês toma conta das panelas e trata de fazer o almoço. Como a Conceição e a Deolinda já são grandes demais para a classe que frequentam, andam adiantadas das outras e por isso vinham para a cozinha ajudar, uma cada dia. Porém, há coisa de um mês, a Senhora Professora decidiu que a Maria de Fátima não faria exame da quarta. O mal dela é a preguiça. Para lhe espantar, resolveu-se então que viesse ela para a cozinha, na parte da manhã.

Ao meio dia e meia é o almoço. Enquanto eu o sirvo às pequenas com a ajuda delas próprias, a Senhora Professora vai trabalhando na costura. Depois almoçamos nós e a Isabel servimos. Entretanto as da cozinha vão lavando a loiça. Segue-se a aula da tarde e depois o recreio.

Às 4 e meia, as que já estão livres dos exercícios escolares, vão para a costura e bordados. É durante este tempo que elas conser-tam e passam a ferro a sua roupa da semana. A maior parte das vezes eu não posso estar com elas e uma das mais velhas toma conta. Quando aparece a Senhora D. Clotilde, sua Mestra de bordados, ficam radiantes. Diga-se de passagem que elas, ultimamente se têm dedicado pouco aos bordados, porque as mais velhas têm outros trabalhos domésticos e as outras têm-se ocupado a fazer lençóis e outra roupa de cama. Peça de pano que aqui entre, é logo repartida e entregue às suas mãos pequeninas mas já muito hábeis.

Pelas 5 h. é a merenda e depois as da cozinha vão preparar o jantar que consta de um grande tacho de arroz ou de massa, com algum acompanhamento de carne ou peixe. A sopa ficou feita do almoço.

Quando há correio a despachar ou compras a fazer, duas ou três aproveitam a companhia da Sr.ª Professora, que lhes vai tirando as dificuldades, visto as mais velhas não terem tempo para esses recados fora de casa.

Às 7 e meia é o jantar com todos os trabalhos complementares de arrumação da cozinha e refeitório. Depois vem o recreio, de uma hora, seguido dum ensaio de canto ou da recapitulação duma lição de catecismo, o qual

PATRIMONIO DOS POBRES

Há várias semanas que Júlio me vem ralhando: «Não tem dito nada do Património no norte. Só Senhor Padre Horácio tem escrito das suas dioceses. Escreva, andei!»

E eu não tenho andado porque sempre outros assuntos se me afiguram mais urgentes e vão tomando a dianteira..

O movimento, esse continua em cheio, graças a Deus. E, se porventura no aspecto típico do Património — casas para indigentes — afrouxou um nadinha, tem-se desdobrado em outros frutos, concerteza não menos importantes, como são a Auto-Construção, as casas de iniciativa privada audaciosamente empreendidas por quem só tem braços para trabalhar depois de um dia de trabalho, que o dinheiro mal vai dando para o caldo e pão de cada dia.

Estive ontem em Avintes. Eram mais duas a juntar às sete casas já entregues.

Casas muito limpas e arrumadas. Um arranjo que se via bem ser habitual, porquanto um tal asseio e aprumo não se improvisam. São as Vicentinas. É a presença delas a causa daquele aspecto tão acolhedor: Casas com alegretes floridos; flores lá dentro, também; quintais e arruamentos do pequenino bairro impecáveis de limpeza.

Ora os moradores daquele bairro vieram da cortelha. Lá não era assim. Pior! Quando tomaram posse daquelas casas tão airosas, eles não sentiam a neces-

sidade da ordem e beleza em que ora vivem. Tiveram de ser ensinados, habituados. As mestras foram aquelas raparigas e senhoras, naquela hora felizes ceifeiras de um labor amorosamente perseverado. Como lembrei ali a doutrina de Pai Américo: «Onde não houver Vicentinos, não se façam casas!»

Estivemos falando um pouco. Veio à baila de como nasceu a ideia do Património em Avintes.

Pai Américo partira deste mundo. As Vicentinas mandaram celebrar por sua alma. O Pároco não aceitou a esmola da Missa. Tinham junto 37\$50... Que fazer-lhes? A alguém Deus lembrou a homenagem viva de uma casa. Nessa primeira lá está em azulejo a figura de Pai Américo.

Aqueles 37\$50 foram o capital com que se estabeleceu a Empresa. Não foi pouco nem muito. Bastou para que cinco anos após aquela data, Avintes tivesse nove moradias para outras tantas Famílias que não tinham lugar humano «onde reclinar a sua cabeça» e meios para começar imediatamente mais outras quatro.

37\$50! Humanamente um princípio quase desprezível! Pois foi o rastilho suficiente para provocar uma tão benéfica explosão de Amor!

Este começo humilde, é mais uma repetição, daquele «nasceu pequenina como é próprio das coisas destinadas a ser grandes» de Pai Américo. Eu fico tão contente quando reencontro esta verdade, experimentada e amada por mais gente, que não me tenho que a não dê aqui a toda a gente!

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Férias forçadas em Ordins

OS NOSSOS POBRES — Um dos problemas mais graves com que se debate a maioria dos trabalhadores rurais — os simples jornalheiros — é, sem dúvida, a falta de assistência e apoio na doença e invalidez.

Vida heroica, a destes homens! Ainda há pouco, esteve aqui um doente e o filho idem. O receio de pedir engasga-o: «Se eu pudesse trabalhar... Mas não; não pode. Havia de existir algo que suprisse a falta da sua jorna e o resto. Nem sombras disso, por estas bandas! E porquê?»

Há muita gente que se admira da fuga dos jornalheiros prós pseudos — as cidades. Porém, esta joga acentuada, acentuadíssima, é o índice mais esclarecedor da quase isenção de benefícios de assistência ou previdência social prós homens do campo.

A propósito de heroicidade, tenho mais um caso que me feriu profundamente. Outro jornalheiro. Vive com mulher e filhos numa sala exigua. Ali dormem, ali comem — ali vivem. Ora a falta de moralidade que isso, naturalmente, causa num lar bem constituído, atormenta-os. Pois se em África os nossos irmãos de cor não se contentam com um viver assim, pais e filhos na mesma cubata (vimo-lo por lá, no ano passado) que fará um lar civilizado!

Este jornalheiro traz, desde recuados tempos, um sonho no peito — uma casa pobre, mas decente: quarto prós casal, outro prós filhos e ainda outro prós filhas. Há 17 anos que anda a juntar, da magra jorna. Amealhou 7 contos, pediu algum emprestado — e comprou recentemente uma casota, com leira e poço. Infelizmente não tem condições de habitabilidade. Falou ao Pároco. Este vai interessar-se pelo conserto. A despesa da obra é pesada. Tanto que o homem, pra ver o sonho realizado emprende, agora, um período mais grave de restrições. De manhã — eu sei porque vi com os meus olhos pecadores — segue prós trabalhos sem nada comer! E ao «meio da velha», uma hora da tarde, o al-

moço é invariavelmente caldo sem adubo e batatas com vinagre.

O heroísmo!

O QUE REDEBEMOS — Os nossos leitores desamoraram? Temos sido pouco bafejados pela vossa presença!

Uma camisola de lã, de C. F., não sabemos donde. E que jeito fez! Mais 50\$ da Rua de Cedofeita — Porto. E 60\$ do 1.º semestre, cotas simpáticas do Bêbé n.º 3. E 50\$ da Régua, para cobrir o nosso déficit. O costume costumado da assinante 17.022. E mais 500\$ de Lisboa. E 50\$ do Porto. Idem, das Alunas do Liceu Rainha Santa Isabel. Mais 20\$ de A. F. e o mesmo de Gondomar. Metade da Régua. 50\$ da assinante 15.595. Foi tudo recebido e distribuído. Muito obrigado. Mais 20\$ do 26.468, de Guimarães. Não estranhe, presado amigo, que estas crónicas sejam publicadas tão poucas vezes. O «Famoso» luta com muita falta de espaço. 30\$ da n.º 26.169. E 50\$ do n.º 610. E outra vez 20\$ do 26.229. E metade da assinante 2.164, cujo amor pela nossa Obra prossegue em marcha ascensional. Graças a Deus. Atenção para esta carta:

«Seguem 100\$ para a Conferência dos Rapazes. Bem sei que não é muito e que talvez pudesse dar mais. Agora vai isto, pode ser que daqui a algum tempo mande o dobro ou o triplo. O que eu queria é que pedisse a Deus Nosso Senhor por esta alma que anda tão atribulada! Não queria que o meu nome viesse no «Gaiato» porque dou não para que saibam que dou. Dou por amor de Deus e pelos meus irmãos que sofrem».

O Doutrina!
Finalmente 50\$ de Lisboa e novamente a assinante 17.022 com mais 40\$. Para todos, os nossos agradecimentos.

Júlio Mendes

Como o ano passado, também este esperava por um senhor que nos viesse suavizar as férias forçadas. E assim aconteceu. E o mesmo, já conhecido, vai para alguns anos. Começou em Junho com um vale de 1.500\$, que repetirá mensalmente até Novembro, data em que nos dirá o destino a dar aos seus chales. A sua carta deixou-a à meditação de todos que possuem bens materiais:

«Mais uma vez me sirvo dos «Chales de Ordins» como meio para a minha desobriga de bens materiais que Deus se dignou confiar-me, e julgo que mal avisado anda aquele que egoisticamente reserva para si só o proveito desses bens, muito embora eles tenham sido produto de trabalho intenso, inteligência ou força sua, pois essa capacidade de trabalho, esse poder de inteligência ou essa possibilidade de força, não são mais do que dádivas que Deus confere ao homem, para através do uso que delas ele fizer, ser julgado para o merecimento dos dons superiores da vida eterna.

No campo material, caridade não é mais do que a desobriga, isto é, o desempenho do encargo que o Senhor nos confiou, ao permitir-nos o gozo dos bens deste mundo, e é medida, não pelo valor da dádiva, mas tão somente pelo valor relativo entre a dádiva e o valor dos bens disfrutados. Só assim se compreende a parábola da pobre, que tendo apenas dado uma pequena moeda de cobre — tudo quanto possuía — recebesse do

Senhor todas as manifestações de apreço, enquanto o fariseu rico não foi notado, muito embora o seu óbulo fosse de moedas de ouro.

Quem dá aos pobres, empresta a Deus, que lho pagará com juro de um por mil — como tenho ouvido em sermões e escrito em publicações religiosas, apresenta-se errado à minha forma de sentir, pois tal afirmação faz prever negócio e desperta a cobiça de lucro, e negócio e lucro devem ser banidos em tudo que respeita ao Senhor. Não empresto. Procuo desempenhar-me do mais elevado encargo que Deus confiou ao homem, isto é, desobrigo-me dele».

Os bens materiais são estorvo para muitos conseguirem a vida eterna. A razão da sua existência resume-se numa palavra: enriquecer e por todos os meios. Estes andam mal avisados.

Mas também seguem caminho errado os que, embora enriquecendo por meios legítimos, se julgam senhores da sua riqueza, usando-a, como lhes apraz, pensando só em si. Se Deus criou o mundo para todos, os detentores da riqueza não podem ser senão administradores, repartindo com quem não tem. Dar aos pobres, nossos irmãos, é um obrigação, que não deixará de ser galardoadá pela Justiça de Deus.

XXX

Alegrem-se os Pobres da Curraleira, pois Lisboa pôs-me nas mãos 1.000\$, «para em alguma

coisa atenuar os efeitos das «Férias forçadas». Assim vinha numa carta tarjada de preto. Ainda da Capital, igual quantia, pedindo-nos apenas um chale e «o resto é para ajudar as suas teceadeiras».

Alcinda iniciou os chales a prestações e trouxe 50\$ para dois. Creio, porém, que poderão ser para a Curraleira. Outro tanto, e com a mesma devoção, de «um grupo de empregados da C. U. F.».

Agora os senhores tripeiros não esqueçam os seus Pobres do Barredo. Há por lá muita miséria e doença. Senhores do Porto, desobriguem-se no Barredo.

Senhora das camisolas vem por nove e não esquece as aprendizas com 50\$, para uma merenda ou passeio. Foi entregue a um Pobre a óptima camisola, na data marcada. Ficou radiante.

O Dundo lembra-se de Lisboa com uma echarpe. Lourenço Marques receberá, breve, também uma e um chale, para o que recebi um cheque de 210\$. Algés, «após uns 2 meses de silêncio, volta, de novo, a ter a alegria de poder fazer mais uma pequenina encomenda e assim aliviar um nadinha as «Férias forçadas». Coimbra e a Senhora do chale mensal vão irmanadas pelo mesmo ideal: aquecer, duas vezes, os Pobres. De Lisboa, 470\$ e «tanto os chales como o tapete eram muito bons e fiquei muito satisfeito com tudo». A mesma satisfação nos mostra o Monte Estoril com os tapetes recebidos.

Senhor Director do Instituto de Assistência à Família descobriu Ordins e também me tirou, naquele domingo, em que nos deu o prazer de o termos entre nós um pouco, me tirou, dizia, do meio dos lençóis, onde curti uma constipação teimosa. Com ele, visitámos algumas habitações, umas reparadas já, outras a necessitar de obras. Prometeu a sua ajuda em Agosto para a reparação de quatro habitações. Ao despedir-se de nós, levou uma carpete e prometeu encomendas para breve.

Maria da Saudade não esquece Ordins. Avó de Moscavide trouxe 10\$ para novelas. Lãs, não sei de onde. De quando em vez, cá aparecem pela mesma via. Mais 10\$ de quem envia muitas vezes. Quatro vezes mais não sei de quem. 50\$ para a «pastora doente dos 2\$50 diários». Outro tanto, sem destino, de Isabel. Olhe, aproveitei-o para as suas cotas deste Centro de Assistência. Tudo pago até Maio. Agora, estão em aberto as da Conferência. Aproxime-se, quem precisa das orações dos Pobres.

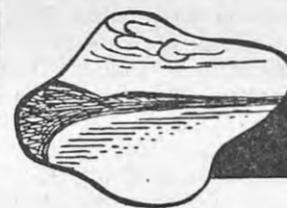
Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — Douro.

Padre Aires

Visado pela Comissão de Censura



Padre Acílio



SETUBAL



Algarvio fugiu. Foi a terceira tentativa. Deixou-nos na dor pela fuga e por ser a terceira vez.

A regra é: regresso de fuga, mudança de vida. Com o Algarvio não tem acontecido assim.

Ele tem pai. Um homem pobre que ficou sem mulher há muito e se tem arrastado por montes e vales à procura de pão.

O rapaz é nosso há cinco anos; foi aqui criado com todos os mimos que lhe pudemos dispensar. Faz a 4.ª classe. Agora «não gosta de cá star».

O pai tem-no trazido sempre e eu tenho-lhe aberto a porta. Regra de Pai Américo: «Os pais não fecham a porta aos filhos». Desta vez entendi que não. Algarvio não aprecia o nosso viver porque se esqueceu já do que passou. A idade é outra. A vida parece-lhe cor de rosa. Voltou sempre por vontade do pai; não por vontade sua. Precisa de tomar o gosto da vida de dentro saboreando a de fora. O pai pediu-me de olhos arrazados que tivesse pena dele. Tenho dos dois. Mais do que também tem sangue meu. Por mor dele vamos sofrer os três. Algarvio fica lá fora até se encher de saudades.

xxx

Tónio é o aprendiz mais categorizado da alfaiataria. Agora com o aperto de fatos que há para Setúbal por causa da feira de S. Tiago, Tónio tem sido incansável em ajudar o Mestre. Às sete e meia da manhã já está na oficina e só de lá sai pelas oito ou nove da noite. A miséria que pas-

sou em pequenino deprimiu-o dando-lhe um complexo de inferioridade de que a pouco e pouco se vai libertando. Agora é o arranque maior. Com a sua fotografia publicada no «Famoso» sentado a uma «Singer industrial» Tónio é outro. O cabelinho voltado para trás e bem alinhado. A camisa bem trilhada e bem equilibrada. O passo mais firme e mais confiante. E aos domingos quem o quer ver de calça vincada e casaco sem rugas? Onde o segredo desta vitória?: A oficina. O ofício. O brio dos dois.

Há dias Tágira que é seu irmão de sangue, mais Aníbal (mestre de comesainas) juntaram-se a Tónio para uma patuscada. Aníbal tem «olho». Sabe-as arranjar. Tágira é da pada-

ria. Tónio é tido como sério. Boa companhia. Foram ao pombal e cinco pombos foram condenados à pena máxima capital. A cozinha do chiqueiro estava acesa e em pouco tempo o piteu recendia num tachinho com tomate, salsa, louro e outros condimentos.

Notada a aproximação do chefe, o tesouro foi escondido na padaria onde as pesquisas do Papagaio o foram descobrir.

À noite, no fim do jantar, houve tribunal. Sabia-se o nome dos faltosos que não a extensão da falta?

— Que carne é aquela? Tágira responde: — É de cinco gaios que apanhamos na quinta do mocho. Aníbal confirmou. Nos bastidores do tribunal deve ter sido ele o inventor da mentira. O chefe insiste que são pombos. Eu quero tirar as dúvidas e digo: Tónio, tu nunca me mentiste; diz lá, são gaios ou pombos? — São gaios. A discussão terminou. Uma palavra do Tónio desvendou as dúvidas e trouxe a certeza.

Tónio ficou inquieto. Tinha mentido. Dois dias depois vem desabafar com o chefe: «Ó pá eu menti ao Snr. Padre Acílio. Eram pombos».

Vejam lá os senhores como a gente é comido!...

se explica na tarde dos domingos.

Terminamos o dia com a recitação do Terço e orações da noite. Por volta das dez menos um quarto é dado o sinal de recolher.

Mas quem quiser ver as belezas todas entregues aos trabalhos da limpeza geral da casa, venha cá um sábado de tarde. É uma alegria! Tudo canta até mais não.

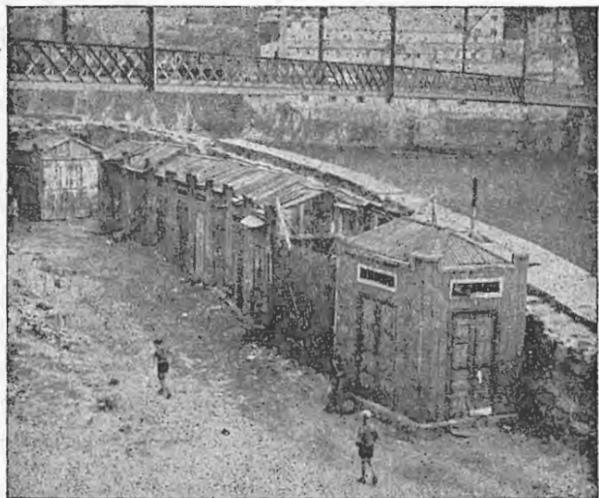
A Ermelinda, a Dina e a Isabel, que vão fazer o seu exame da 4.ª, até começaram a estudar com mais gosto desde a Páscoa, por eu nessas férias ter levado muito a peito o fazer de Belém uma verdadeira escola de trabalhos domésticos. E esclareci: para aquelas que saírem da escola este ano, depois será sempre assim... Pois elas vão suspirando por esse dia.

Como vêm, amigos leitores, em Belém trabalha-se e luta-se para vencer os obstáculos que inevitavelmente tinham de aparecer no lançar dos alicerces. Sabe-se que as dificuldades são o sinal das obras de Deus e por isso não há que desanimar. Mas vede que Belém merece a vossa compreensão, ajuda e carinho. Não lhos negueis!

Inês — Belém — Viseu

Barredo

NOTA DA QUINZENA



ERA!

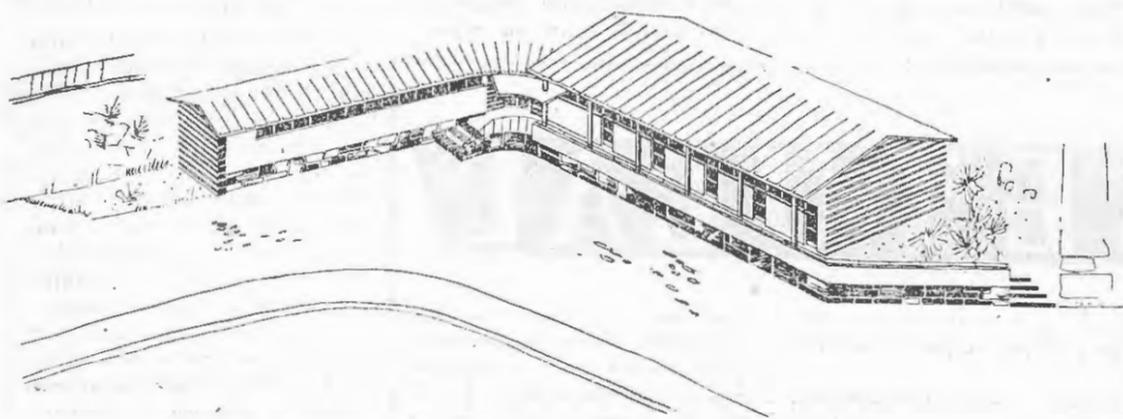
vem da primeira página. Pão não é tudo, nem sequer o mais de que aquela gente carece para se tornar «limpa e bem disposta». Mais! Eles próprios hão-de ser os autores principais da sua ressurreição, a partir do Barredo tal qual Pai Américo o revelou no primeiro volume para o que desejava apresentar no segundo. Mais do que de pão eles precisam de quem lhes dê a mão. Mais do que quem lá vai, urge a presença de quem lá fi-

que, com eles, por amor deles. Aquele punhado de Vicentinos que levantou o Secretariado de Acção Social, sentiu essa necessidade e encarnou esse dever. E não importa que cada um deles tenha a sua vida — e que vida! O Amor faz milagres de multiplicação e eles têm-nos aproveitado ao serviço do Barredo. A Hospedaria de S. Nicolau, paredes meias com a Igreja de S. Francisco. O clube dos rapazes. O ensaio do Centro, realizado em colabora-

ção com as raparigas do Instituto Social que ali vão aprender e pôr em prática as melhores lições, que os livros não ensinam. Deste ensaio, bem prometedora, nasce agora o Centro Social definitivo, que há-de albergar decentemente o actual clube dos rapazes, que são os mais apaixonados, os mais entusiastas colaboradores desta seriíssima obra.

O Barredo que é foi Pai Américo quem o desenterrou da nossa negligência para resgate nosso. O Barredo que ele sonhou — é uma herança que nos cumpre realizar. Como poderia O Gaiato ser estranho a esta obra?! Nós tomamo-la como nossa! Queremos-lhe como se fosse nossa! Temos a certeza de que os nossos leitores a hão-de gravar no peito, com todas as suas consequências, mórmente aqueles que à voz de Pai Américo acordaram e seguiram, passos sobre os seus passos, os caminhos tortuosos das vielas sombrias, para apagam tantas sombras e torturas, desde os pulmões às almas de quem lá mora.

Para quem conheceu Pai Américo e comunga o seu pensamento, não haverá dúvida de que aquele Centro Social à beira-rio, feito de Vida para a ressurreição de vidas é, em verdade, o seu monumento.



É!

A VOZ DOS LEITORES — Eis uma carta da Marinha Grande:

«Acabo de ler o último número do maior jornal que conheço, e digo convosco: Obrigado meu Deus por tantas graças. Fico sempre contente quando leio que estão a dar bons exemplos e são felizes os que acabam de fundar novos lares, nesta época em que quase se perdeu a responsabilidade dos deveres. Vou estar uns dias na praia e não queria partir sem vos escrever. Embora já seja conhecida por falar no «Gaiato» não me importo e de vez em quando ainda descubro gente que não vos conhece. Hoje é uma senhora que foi assinante mas por a vida ter piorado deixou de

o ser, agora será embora ela diga que ainda tem poucas possibilidades. O que é preciso é que ela leia».

Esta carta é um testemunho do Espírito de Família que une a Obra da Rua e seus Amigos espalhados pelo mundo. Quem sente e vibra assim não pára. O seu amor repercute-se: «Hoje é uma senhora que foi assinante mas por a vida ter piorado deixou de o ser; agora será embora ela diga que ainda tem poucas possibilidades. O que é preciso é que ela leia». Ora aqui está. Fosse «O Gaiato» um órgão comercial — como tantos — e as «poucas possibilidades» seriam um óbice. Aqui não. O assinante paga quando, como e se puder. «O que é preciso é que leia»!

PORTO/LISBOA — Eu vi nos periódicos que a vaga de calor, particularmente em Lisboa, tem sido um bico d'obra. Mas apesar da indolência que ele provoca nos corpos, as almas continuam activas. Graças a Deus.

A Invicta cá vai, desta vez, mais recheada. Entre o número de presenças temos o assinante 9.330, como é costume. E vamos lá ver se o tempo de férias, para a generalidade, não faz cair o interesse. Eu tenho fé. Os senhores animem!

DO MINHO AO ALGARVE — Temos em mãos uma carta de Macedo do Peso. É um grato doloroso e, por isso mesmo, aqui vai:

Eu vinha de uma volta pela Aldeia. O Marito traz o recado: «Uma velhota pede pró Senhor ir ao pé da Tipografia, que ela não pode andar».

Final não era muito velha; mas trôpega, sim. Doenças; muitos trabalhos: «Olhe Senhor Padre, eu abusei quando era nova. Trabalhava mais do que podia e aos 18 anos fiz uma força e nunca mais tive saúde».

Sentámo-nos os dois nos degraus da oficina. Ela ia contando. Marés se lhe enchiam os olhos de lágrimas, ao evocar, e logo as bebia com um sorriso de sabor antigo, hábito velho de afogar dores em resignação, de esconder tristezas sob uma cara alegre.

«Ouvi dizer que os senhores recebem cá velhinhos e doentes e vim ver se me queriam».

Cita casos. «A Senhora Amélia, lembra-se?» (Se me lembro! Aquela heróica cancerosa a quem dei solenemente a Comunhão depois da minha Missa Nova, dias antes do seu dia!). «Pois a Senhora Amélia fui eu quem a arranjei para criada do Senhor Padre José, irmão do Pai Américo».

Digo-lhe que sim. Que a Senhora Amélia, mais a Senhora Júlia e a Senhora Teresa e o Ti Manel Manco (Este, ainda cá está) foram o prelúdio do Calvário, mas agora é ali que nós recebemos, não velhinhos, mas incuráveis.

«Ai, Senhor Padre, mas que cura tenho eu, para não ser incurável?» E descreve-me os seus achaques desde menina e moça até agora:

«Olhe, eu não sei mentir» (Isto diz muita gente, sem ser verdade, mas na boca daquela mulher era uma verdade que soava!) «Eu tenho qualquer coisita. Andei a servir muitos anos e os patrões deixaram-me. Tenho uma casita em Cabeça Santa, mas não é só minha». Dá-me contas do que teve e do que tem; de como o ganhou; de como o gastou. «Sabe lá o que tem sido em remédios!»

Agora está em casa de uma mulherzita que lhe dá de comer por 5\$50 por dia. «Quem é que pode? Qualquer dia não tenho nada e trabalhar não posso mais! Ainda andei a passar a ferro para fora... Passava sentada, mas já nem isso posso. No inverno, então, fico tolhidinha de todo e passam-se semanas sem poder sair da cama! Acha que tenho cura?!»

Ai se eu pudesse reproduzir em imagens e em som o nosso diálogo!... Os assentos de sinceridade, de simplicidade infantil da sua voz, corroborados pelos seus olhos límpidos como de uma criança! Que consoladela de verdade! Quantas vezes somos abordados por gente de muitos naipes, Pobres inclusivé, rclamando-se de verdadeiros! Mas quão raras nós temos aquela sensação de verdade que esta mulher nos deixou experimentar!

Comeu do nosso caldo ao meio-dia. Comeu-o no refeitório dos «batatas». Ela nem queria sopa da dieta, «que esta (a da comunidade são) é tão boa!» Os olhos brilhavam no seu rosto sorridente. «Ai como estou consolada de ver tantos meninos tão fartinhos de comer, louvado seja Deus!» E repetia e repetia, cada vez mais faiscantes os seus olhos, cada vez mais embargada a sua voz.

Voltou pelo braço do «Bojarda», o qual, vencida a escadaria da Casa-mãe, a encaminhou pelas ruas mais sombreadas.

Voltou feliz, com um retrato de Pai Américo guardado no seio, «para se não estragar».

Eu fiquei cheio e ansioso pela vaga no «Calvário», que nos permitirá, a Padre Baptista e a mim, irmos por ela.

Campanha de Assinaturas

«Não tenho trabalhado na Campanha de Assinaturas como era meu desejo, ou por outra arranjei algumas no princípio pois somos assinante desde o primeiro número do Gaiato; e como eu desejava que toda a gente assinasse e saboreasse a sua leitura arranjei algumas assinaturas que sei não têm sido pagas e desanimei. Por isso envio uma só e o dinheiro de um ano».

Não desanime prezada assinante! Olhe que, infelizmente, nem toda a gente está apta a saborear a leitura do Famoso. Por isso, nada de desânimos! Escolha e catequise. Faça ver quanto ama a leitura do «Gaiato» — e terá bons resultados.

Agora vem aí a grande lista de terras agitadas pela Campanha, durante a quinzena: Palmela, Chaves, Pereira do Campo, Proença a Nova, Valadares, Vila Nova de Gaia, Penaiva do Castelo, Coimbra, Rosário, Odivelas, Pedrouços (Areosa), Alcobaça, Maceira-Lis, Setúbal, Santo André de Tojeiras, Ruivães (Famalicão) e Amadora. É admirável como o entusiasmo não arrefece. Hoje como ontem, a mesma simpatia, o mesmo amor, a mesma devoção! «O Gaiato» continua e continuará sendo Evangelho vivo, que transforma e conquista milhares de portugueses, que descobriram o Caminho só nestas colunas, despidas de literatura, mas ricas de Verdade. **Júlio Mendes**

